

Mesmo previsível, a sífilis congênita pode deixar sequelas permanentes na vida de mães e filhos

POR LOANNE GUIMARÃES*

Transmitida via transplacentária, de mãe para filho, durante a gravidez ou na hora do parto, a sífilis congênita é uma infecção sexualmente transmissível (IST), causada pela bactéria *Treponema pallidum*. Ocorre quando a bactéria, presente no sangue materno, ultrapassa e atravessa a barreira da placenta, infectando o feto em qualquer fase gestacional e estágio da doença.

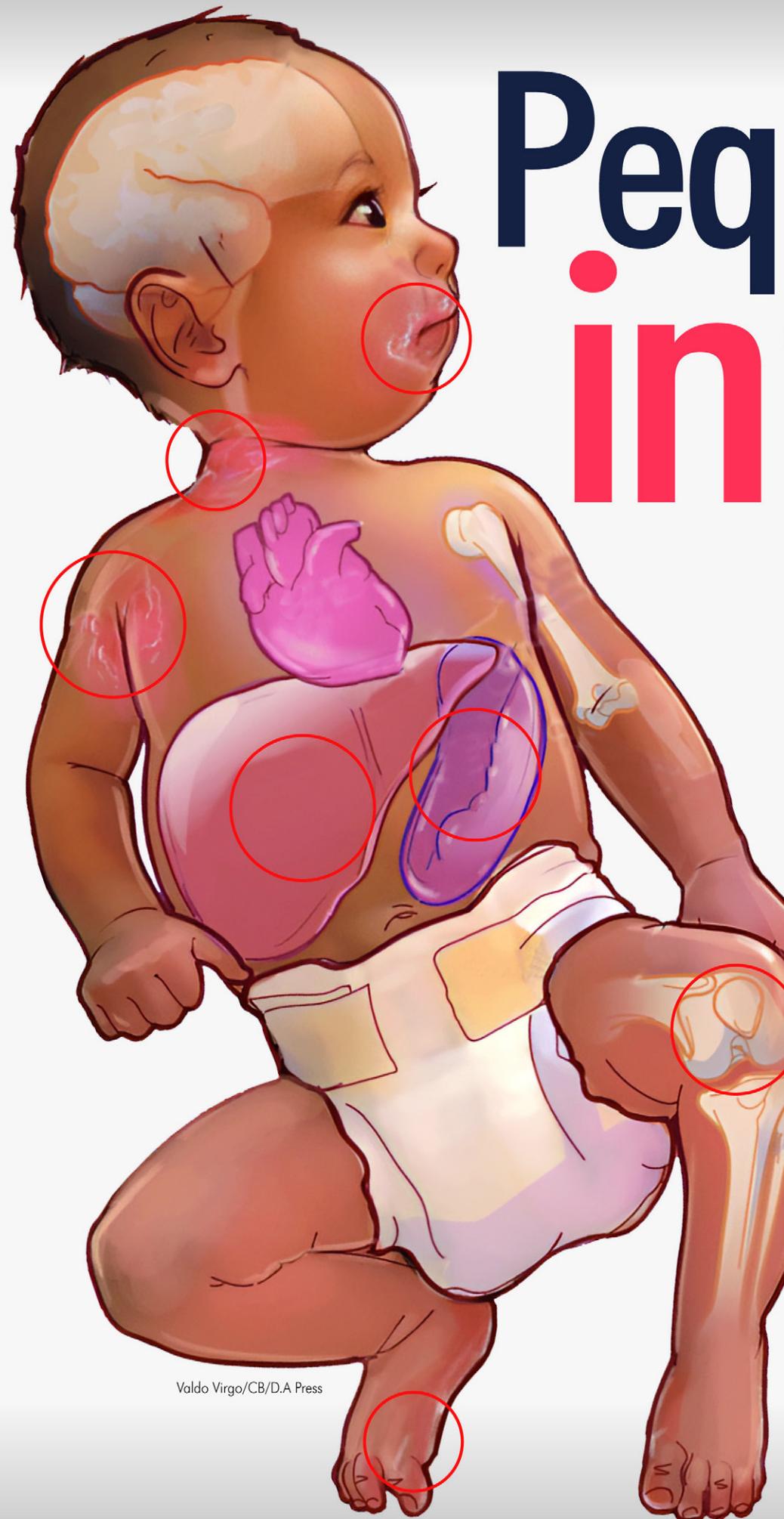
Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), somente em 2022, os casos aumentaram em mais de 1 milhão, resultando em um total de 8 milhões no mundo inteiro. Se o quadro for detectado de forma tardia ou não houver tratamento adequado, tanto a mãe quanto o filho podem ter diversos problemas de saúde.

Os números, de fato, são alarmantes para uma doença que pode ser evitada. Assim como qualquer outra IST, é possível prevenir a sífilis com o uso correto de preservativos durante as relações sexuais, testagem na mãe e no parceiro, mesmo sem sinais aparentes, além de um pré-natal adequado. Quando há suspeita ou confirmação de sífilis congênita, o recém-nascido precisa ser acompanhado desde o nascimento.

Segundo Tatianna Ribeiro, ginecologista e obstetra da Clínica Rehgio, esse quadro pode causar abortos espontâneos, natimortos, malformações, partos prematuros, e a mãe pode se infectar mais de uma vez. "Pode acontecer, principalmente, quando a infecção não é diagnosticada e tratada a tempo durante a gestação. Casos de reinfeção materna durante a gravidez não são raros, especialmente quando o parceiro sexual não foi tratado junto. Mesmo que a gestante tenha recebido o tratamento adequado anteriormente, ela pode se reinfectar e transmitir a doença ao bebê", completa.

O Ministério da Saúde recomenda que a gestante seja testada, no mínimo, durante o primeiro e o terceiro trimestre de gestação, além da testagem no parto ou em casos de aborto. A ginecologista complementa que, no caso de grávidas em vulnerabilidade social e em regiões em que a doença é incidente, pode ser necessário testar com maior frequência. Não somente a mãe, mas o parceiro também deve passar por testes e tratamento se houver um diagnóstico positivo.

***Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte**



Valdo Virgo/CB/D.A Press